



Redacção e administração  
R. de S. Martinho

Aveiro



# POVO DE AVEIRO

SEMANTARIO REPUBLICANO



Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo



Numero 211

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

## A ALLIANÇA INGLEZA

Volta a imprensa democratica a hostilizar a alliança ingleza, a proposito das manobras de Lagos. Devemos registar que o faz com mais brandura do que o costume. E' uma conquista digna de menção, no campo do bom senso.

Ha certas coisas que todos nós, republicanos, temos feito. Todos, sem uma unica excepção. E todos as temos feito muitas vezes sem pensar, apenas por *dever d'officio*, em obediencia á praxe, á tradicção, para não ir contra a corrente, para não desagradar ao maior numero, ou por um impeto nobre e justificado de momento. Uma d'ellas tem sido essa de hostilizar sem descanso a Inglaterra e a alliança ingleza. Mas seria lamentavel que o tempo não exercesse sobre nós a acção que exerce sobre tudo, dando-nos tranquillidade e calma para reflectir.

Não ha duvida nenhuma que a Inglaterra tem commettido crimes, como todas as nações. E por esses crimes teem sido e são justas as censuras que haja recebido e receba. E' incontestavel que a alliança ingleza algumas vezes tem offendido os interesses e a dignidade de Portugal, sendo legitimos os nossos resentimentos e queixumes. Mas tambem é incontestavel que a alliança ingleza outras vezes nos tem livrado de grandes perigos e sérios embarços, e que a Inglaterra, no meio de todos os seus defeitos, é uma nação progressiva e culta, amando, como poucas, a liberdade e o direito.

Seja, porém, como fôr, os republicanos, que já teem tempo de pensar nas coisas a valer, que não podem continuar no terreno da sentimentalidade, que os inutilisa, devem vér a questão por este lado: Portugal precisa de allianças, ou póde dispensa-las? Se precisa, qual é aquella que mais lhe convém?

Toda a questão se resume n'isto.

Ora que Portugal precisa de uma alliança não offerece duvida nenhuma. D'uma alliança? D'uma tutela! Parece que é este o maior aggravado dos republicanos portugueses. De que elles mais se queixam é de sermos tutelados e não alliadados da Inglaterra. Todos os dias escrevem nos seus periodicos que Portugal é uma colonia ingleza.

Não é bem assim. Se nós fôssemos uma colonia da Inglaterra, seriamos administrados muitissimo melhor. A prova de que o não somos está no despotismo que nos suffoca, na administração perdulária e criminosa que patentearmos ao mundo sem decôro. As

colonias inglezas gozam da mais ampla liberdade e da mais sensata e honesta administração. Esquecem-se d'isto os jornaes republicanos quando escrevem que Portugal é uma colonia da Inglaterra. Não é, nem os governos inglezes teem exercido a minima influencia sobre a nossa vida interna. Ninguem ignora este facto. Mas que a alliança ingleza é uma especie de tutela humilhante, com uma certa autonomia para o tutelado, autonomia de que este, aliás, não sabe fazer uso, é facto que ninguem póde negar.

Succederia o mesmo, no entanto, precisamente o mesmo, se em lugar de sermos alliadados da Inglaterra, o fôssemos da Hespanha, da França, da Allemanha ou da Russia. Uma nação que não tem exercito, que não tem armada, que não tem dinheiro, que não tem homens d'estado nem opinião publica, póde ser tutelada por outra nação, mas, dignamente, nunca póde ser a sua aliada.

Esta é a grande verdade, e a ella devemos prestar toda a nossa attenção, sem nos perdermos em declamações doentias ou banaes.

Portugal não póde viver sem uma alliança, mercê da sua situação especial. O nosso caso não é o da Suissa, o da Belgica ou o da Hollanda. E' muito differente. Mas essa alliança ha de ser humilhante e vergonhosa para nós, enquanto não possuirmos os elementos que tornam dignas, fortes e respeitadas todas as allianças.

Precisando Portugal d'uma alliança, qual é aquella que mais lhe convém? Evidentemente é a alliança ingleza.

Só temos a escolher entre a Hespanha e a Inglaterra. Mas nem a Hespanha tem a força e o poder de que necessitamos, nem tem sentimentos seguros a nosso respeito.

Toda a nossa politica com a Hespanha deve consistir n'uma expectativa cheia de boas intenções e d'amizade. Politica de monarchicos e politica de republicanos. Demos tempo a que a Hespanha se levante, se reconstitua, e a que os seus sentimentos para conosco se modifiquem, o que será obra de muitos annos. E' desconhecer absolutamente o character hespanhol, o estupendo orgulho que caracteriza aquelle povo, imaginar que a Hespanha consentirá, jámais, em tratar conosco de igual para igual. Esse espirito de soberba, de dominação despotica, que lhe fez perder, uma a uma, todas as colonias. A Inglaterra, depois da licção dos Estados-Unidos, teem-as conservado todas. A Hespanha, á qual não serve licção nenhuma, perdeu tudo.

A Hespanha não quer a allian-

ça, quer a absorpção de Portugal. Só a ingenuidade indigena, principalmente a ingenuidade democratica, que é a mais característica do typo nacional, póde facilmente admitir o contrario.

Sem duvida que essa absorpção é difficil. Mas essa difficuldade só a veem os grandes homens de Hespanha, que são pouquissimos. Aquelles em quem a cabeça domina o coração. A grande massa, a quasi unanimidade da nação hespanhola, que foi, e ha de ser sempre quichotesca, não vé essa difficuldade, ou não tem força para dominar o seu orgulho, o seu desdem por nós, desdem invencivel que póde n'ella mais do que tudo.

Passará isso com o tempo? E' possivel.

Mas enquanto não passa, já por isso, já porque a Hespanha está tão atrazada e tão abatida como nós, uma alliança segura e de confiança com os nossos vizinhos, é impossivel, e se-lo-ha, ainda, por longos annos.

Tirando a Hespanha, qual é a nação que tem verdadeiro interesse em se ligar conosco? E' a Inglaterra. Senão unicamente, pelo menos ella sobre todas.

E outro erro, que se commette diariamente, é pensar-se que a alliança de Portugal só convém á Inglaterra por causa das nossas colonias. Não. A Inglaterra precisaria d'essa alliança, e muito, ainda mesmo que Portugal não tivesse colonias nenhuma. E sendo a nossa alliança d'alta vantagem para a Inglaterra, outro erro, outra tolice ainda, é escrever-se, como se escreve ahi a cada passo, que a Inglaterra nos quer abatidos e arruinados.

Triste idéa faz esta nossa pobre gente da capacidade dos estadistas inglezes!

Se a nossa alliança convém á Inglaterra, e essa conveniencia só um myope a não vé, claro é que o interesse da Inglaterra é que Portugal seja uma nação prospera e forte, não decadente, abatida e fraca. E os republicanos, que poderiam fazer uma propaganda formidavel contra a monarchia, demonstrando que ella nos humilha e nos vexe aos olhos da Inglaterra, que ella não sabe, nunca soube! tirar partido da alta conveniencia que a nossa alliança representa para a Gran-Bretanha, á qual nos entrega de mãos presas, sem exercito, sem armada, sem administração, n'uma submissão abjecta e com um servilismo indigno, fazendo-nos seus tutelados e não seus alliadados; e os republicanos, que poderiam ter sempre a monarchia debaixo da pressão de que é ella a causa unica das expolições e vexames que temos recebido da Inglaterra, porque a Inglaterra respeitar-nos-hia se fôssemos um povo patriota, altivo,

forte, bem administrado, como, naturalmente, não póde respeitarnos em caso contrario; e os republicanos, que poderiam mostrar sempre que a alliança ingleza seria com elles uma das grandes forças da nação, como é um vexame, uma subserviencia, uma verdadeira burla com a monarchia, esforçam-se, senão em demonstrar exactamente o contrario, em deixar ao menos bem patente, e d'isso bem convencida a classe dominante do paiz, que o apoio da Inglaterra, mesmo humilhante e mesmo vergonhoso, é o unico sustentaculo que temos, sustentaculo devido exclusivamente á monarchia, sustentaculo que iria por agua abaixo logo que a republica fosse proclamada entre nós.

Deus illumine os republicanos para que elles adquiram, por uma vez, o juizo que lhes falta!

Isto sem pretensões a padre mestre e sem veleidades de impor a nossa opinião a ninguem.

Afirmamos a nossa, com lealdade, clareza e a energia de quem está possuido d'uma convicção. Nada mais.

Os adversarios que nos sens ataques se servem da denuncia, mostram ser vis, ignorantes e velhacos. — \*\*\*

## Transcripções

O Debate e A União tem continuado a transcrever as nossas Cartas d'Algures.

O Diario fazia as mais honrosas referencias á ultima carta, transcrevendo um trecho da transcripção do Debate. O Mundo tambem se referia, concordando, ás observações que fizemos sobre a exploração dos extrangeiros.

Estimámos o facto, não tanto pelo que ha n'elle de agradável para nós, como por vermos a imprensa prestar alguma attenção a questões de capital importancia para o paiz.

## Estrellas cadentes

Diz o nosso collega O Debate:

«Vamos, por estes dias, ter aquelle phenomeno vulgarmente conhecido por *chuva de estrellas*. São as chamadas *perseidas*, nome dado a estes corpusculos por virem da banda do céu onde brilha a constellação de Perseu. A velha mania do fim do mundo revive sempre ao darem-se d'estes phenomenos, tão pouco dependentes da vontade de Deus, que a sciencia humana os prevê com todo o rigor.

Se os aerolithos cahissem á superficie da terra no volume com que chegam a entrar na nossa atmospha, poderiam de facto marcar o fim do mundo para os individuos attingidos por elles; o calor da atmospha, fazendo-os porém inflamar, pulverisa-os e torna-os inoffensivos na sua maior parte.

Tranquillisemo-nos pois, e preparemo-nos para gosar o bello espectáculo.»

## Cartas d'Algures

21 DE AGOSTO.

Como dissémos na primeira carta, que escrevemos sobre o importante assumpto que estamos tratando, foi devido, principalmente, ás tendencias proteccionistas do imperador da Allemanha, que os socialistas obtiveram um enorme triumpho nas ultimas eleições.

Já tinham passado as celebres sessões parlamentares, agitadissimas, durando até á madrugada, as luctas famosas entre socialistas e agrarios, oppondo-se aquelles tenazmente á elevação do imposto pantal sobre o trigo, o centeio e os bois, isto é á elevação do preço do pão e do preço da carne. O imperador ateimou. E o paiz respondeu-lhe dando aos socialistas uma votação formidavel.

Mais Guilherme II não pensa a toda a hora nas *borgas* de Paris. O seu pensamento fixo não é a vida de prazer, que se leva em certos centros da capital da França.

Nas altas espheras de Lisboa conta-se um episodio curioso, e que tem alguma graça, succedido com o imperador da Allemanha. Guilherme II recebia, com os ares espectaculosos do costume, certo portuguez illustre. O portuguez, ao dar de repente com os olhos no allemão, que fizera incidir um jorro de luz electrica sobre a sua pessoa, todo elle espallafato e *pose*, não se conteve que não exclamasse rapidamente, em bella piada indigena, para os que o acompanhavam: *Olha o gajo!*...

Marca da casa. Se não é verdadeiro devia-o ser. E tem graça.

Não ha duvida. Guilherme II é um espectacular. Mas occupasse do engrandecimento da Allemanha, e por isso, e para isso, bem ou mal, com acerto ou sem elle, trabalha a toda a hora. Mas não se sente prisioneiro nos seus estados, nem com a permanencia obrigatoria em Berlim se aborrece e se enfurece. Não tem aancia das viagens e das pandegas. E nem assim o povo allemão deixa de lhe dar cheques formidaveis na urna, como tem succedido muitas vezes.

Vimos, n'essa mesma carta, como alguns deputados francezes se apressaram a pedir ao ministro da agricultura a redução nos direitos do trigo, porque vendendo-se este, em setembro ultimo, no mercado de Paris, a 369 réis cada dez kilos, se estava vendendo, por fim, a 450 réis, pouco mais de metade do preço porque se vende em Portugal!

Na Inglaterra, toda a gente que lê jornaes extrangeiros sabe a batalha que lá vae, a proposito do protecționismo de Chamberlain.

Foi Roberto Peel, apezar de tory, de chefe do partido conservador, quem deu á Inglaterra o regimen de livre cambio de que ella tirou a sua extraordinaria prosperidade. E' Chamberlain, o estadista inglez mais popular dos nossos dias, quem pretende fazer-la regressar ao protecționismo.

Mas apezar da sua popularidade, da sua omnipotencia, curva-se o povo inglez aos desejos de Chamberlain? De modo algum. E' grandiosa, digna de um povo culto e livre, a lucta que no seio da grande nação britannica se trava n'este instante. Desde o dia 15 de

...o, que foi aquelle em que o ministro das colonias ergueu em Birmingham a bandeira do proteccionismo, que reina uma discussão continua na imprensa e nos meetings, uma effervescencia espantosa na opinião publica. Realisam-se centenas de conferencias, publicam-se milhares de pamphletos. Formam-se grupos, fundam-se associações e clubs para combater e defender a proposta de Chamberlain.

Quem vencerá? Não se sabe. Mas, seja quem for, é grandioso o espectáculo d'aquelle povo, que assim se entrega á discussão, ao estudo de uma questão de interesse capital para a sua existencia. E quando comparamos o que vae na Inglaterra com o que se passa em Portugal, onde nem sequer os jornaes democraticos se occupam com *taes futilidades*, confessamos que chegamos a descrever, em absoluto, da salvação d'este paiz.

Estamos em vespervas d'uma nova lei dictatorial, que outra coisa não é; sobre productos agricolas, em especial sobre cereaes. E ninguem se preoccupa com isso, apesar do espantoso regimen da fome em que temos vivido até hoje. Seria pavorosa a indifferença do paiz na expectativa d'uma lei tão importante, mesmo que viessemos vivendo na mais tranquillidade e feliz das abastanças. Sendo de miseria, de penuria, de fome toda a existencia nacional, horrorisa o que se passa.

Sim. Já não é pasmo o que sentimos. E' horror!

Em Inglaterra, só em seguida a uma larga e profunda discussão, preparatoria das eleições geraes de deputados, só em novas camaras, só depois de concessões importantissimas, como essa do *home rule* a que hoje se inclina Chamberlain, o antigo radical, que se separou de Gladstone precisamente por causa da autonomia da Irlanda, só com promessas de compensações de altissimo valor, como a de pensões de velhice para os pobres, o mais popular dos estadistas inglezes se atreve a tentar alterar a lei.

Em Portugal, decretaram-se as leis da fome em duas pennadas. Rasgou-se, para isso, mais uma vez, a carta constitucional da monarchia. Ninguem se importou. Podemos dizer mais: ninguem, sequer ao menos, deu por isso. Foram tão poucos os que tiveram consciencia do execranda attentado, que é licito fazer a affirmacão absoluta.

Chamberlain não admite que o seu plano augmente o custo da vida na Inglaterra. Se subir o preço d'uns generos, ha de diminuir, diz elle, o preço dos outros.

«Se o augmento no preço do pão (palavras textuaes) fór acompanhado da diminuição proporcional no preço d'outros artigos, ou sejam artigos de consumo ou sejam artigos necessarios á existencia, o custo da vida será o mesmo... Não seria melhor, por exemplo, os operarios sacrificarem tres *penca* (24 réis) por semana sob qualquer fórma, até no preço do pão, para terem mais baratos outros muitos generos, o que equivale a tirar d'uma algibeira para metter na outra, ou em prepararem melhor futuro, quando a idade os impedir de trabalhar?»

Assim falava o ministro das colonias.

Portanto, admittido mesmo o proteccionismo inglez, é um proteccionismo inteiramente differente do nosso. Chamberlain estabelece as duas hypotheses: ou o augmento do preço do pão, se elle resultar da sua proposta, vae constituir o fundo destinado a soccorrer os operarios na velhice, ou é compensado na diminuição de preço em outros generos de necessidade absoluta.

Tem alguma comparação,—e a lei executa-se na Inglaterra, e os ministros, lá, cumprem aquillo que promettem—tem alguma

comparação com o desaforado e escandaloso proteccionismo portuguez, que, sem compensações materiaes para ninguem, encareceu espantosamente, não este ou aquelle artigo, mas todos, todos, de primeira, de segunda, terceira e centesima necessidade, como temos dicto?

E de quanto é o grande augmento no preço do pão, calculado por Chamberlain? De **24 réis** por semana!

Isso cá para nós, amigo Chamberlain, vá lá um bocadinho de larracha indigena, era pão com mel. Seria este Portugalio um segundo paraíso, se os augmentos se limitassem, sem compensações da minima especie, a uns tantos réis por semana. Que ventura! Que ventura! Estava achado, para o infeliz portuguez, o paraíso terrenal. Sem compensações, repetimos, da minima especie. Já, alegremente, as dispensavamos todas.

A Inglaterra, porém, nem isso aceita. A opposição á proposta de Chamberlain é tremenda. Tudo se agita em volta d'ella. Todos os cidadãos inglezes se interessam por ella. Todos a estudam. Todos a discutem.

Em Portugal, n'um paiz onde só o pão, por um calculo muito baixo, nos tem levado a mais, em relação á Inglaterra, **229:950 contos de réis**; em Portugal, onde a classe dominante, a dos *landlords*, a dos senhores feudaes, que tamanhos sacrificios vem exigindo ao povo, paga em média, de contribuição, 2:029 contos, quasi tanto como o proprio imposto dos cereaes, menos, muito menos, do que os famintos e tuberculosos da cidade de Lisboa, exclusivamente da cidade de Lisboa, que só em imposto de consumo, imposto indirecto, pagou, em 1902, **2:340 contos**, menos ainda, muito menos, menos de metade do que pagou uma unica companhia, a Companhia dos Tabacos; em Portugal, onde figuram, nas matrizes, opulentas propriedades como charnecas, sem notar as que n'ellas estão inscriptas por infimo valor, nem as que d'ellas estão excluidas; em Portugal, onde um ex-ministro da fazenda confessa (Anselmo de Andrade—*Portugal Economico*, pags. 483) que foi expulso do poder por tentar estabelecer a legalidade e a justiça, em relação á companhia das Lezírias, por exemplo, cuja propriedade immobilizada avalia em 10:000 contos, mas que outros homens práticos, os proprios lavradores, avaliam, com mais acerto, em perto de 20:000 contos, a companhia das Lezírias, que, segundo o mesmo sr. Anselmo de Andrade, **está fora da lei**, deixando o thesouro de receber a contribuição de registo proveniente da desamortisação e das transmissões que depois lhe succedessem; em Portugal, onde o regimen não é de proteccionismo mas d'esfola; onde se praticam tamanhas e tão espantosas iniquidades em favor dos ricos; em Portugal, onde se trama na sombra o agravamento d'essa horrenda situação, agravamento que já se annunciou pela creação d'uma agencia em Londres do *Mercado central de productos agricolas*, isto é, por novas conezias burocraticas, n'um paiz que tem a burocracia **mais cara do mundo**, absorvendo 23 p. c. das receitas publicas; em Portugal, onde vae sahir a lume o resultado das famosas auctorisações parlamentares votadas por ordem d'um grande lavrador, a imprensa democratica discute se o sr. Hintze Ribeiro e o sr. José Luciano estão melhores ou peiores da pleura e da hexiga, e quem lhes ha de succeder no *penacho* caso a pleura inche e a hexiga estoire!

E o tremor de terra, que deixou de pé esta *caranguejola*!

A. B.

— A razão é a arma do sábio; o ferro é do mentecapto.

## Methodo João de Deus

A direcção geral d'instrucção publica expediu esta semana a circular que se vae ler.

O sr. conselheiro Abel d'Andrade mais uma vez se torna, assim, merecedor do mais vivo applauso de todos aquelles que teem amor á instrucção popular e que veem n'ella a base fundamental da regeneração d'este paiz.

Pelo nosso lado, que nos orgulhamos de ter concorrido nos ultimos tempos mais do que ninguem, com a publicidade das experiencias do sr. capitão Homem Christo, para a defeza e propagação d'aquelle methodo admiravel, damos calorosos e muito sinceros ao illustre funcionario. Voltaremos a este assumpto. Segue, no entanto, desde já a circular:

«Nenhuma duvida esta Direcção Geral tem sobre a efficacia do methodo João de Deus, e das excepcionaes vantagens da sua vulgarisação tanto para o ensino racional da leitura e da escripta como para a economia do tempo de aprendizagem—circunstancia que é sob todos os aspectos de capital importancia.

Tornada facultativa pela carta de lei de 5 de junho ultimo a adopção d'aquelle methodo, esta Direcção Geral sem pretender coartar, por fórma alguma, a liberdade consignada n'essa lei, muito folgaria em ver que no maior numero das escolas officiaes se ministrava o ensino por aquelle methodo, sobre cuja superioridade relativamente a todos os outros sistemas de leitura conhecidos, já não é licito admittirem-se hesitações.

Não ignora esta Direcção Geral, quaes as difficuldades que impedem a adopção do methodo João de Deus. Essas difficuldades porém iriam desapparecendo gradualmente, se V. S.<sup>a</sup> com aquelle zelo e dedicacão pela instrucção popular que esta Direcção Geral se compraz em reconhecer-lhe, quizesse iniciar e alimentar de cooperação com os sub-inspectores d'essa circumscripção, uma persistente propaganda officiosa, tendente a obter-se que o maior numero de professores procurasse habilitar-se a ensinar por aquelle methodo, na intelligencia de que só o poderão adoptar quando tenham adquirido perfeito conhecimento do mesmo: pois sómente n'esses casos é que o methodo de João de Deus se desenbrenhará em fructos de benção.

Como V. S.<sup>a</sup> terá reconhecido não revestem caracter official estas palavras, que apenas exprimem o ardente desejo que esta Direcção Geral tem de ver implantada nas escolas primarias aquella peregrina creação do mais insigne dos nossos pedagogistas o que, a realisar-se, importaria o serviço mais relevante que pôde prestar-se á instrucção do paiz.»

### Quem o conhecer...

O *réles e immundo pasquim*, que disse do *Campeão* o que Mafoma nunca disse do toucinho, anda agora com muitos *tagates* com elle, n'uma especie de *braço dado amoroso*.

Diz o *pasquim* que o *Progresso* foi creado para acabar com elle; e o *réles e immundo cano de esgôto* o que tenton fazer?

Ainda não ha muito que a *bilis* da sua raiva o levou a *parodiar* aquelle jornal com *bonecos* illustrados á *Chica*.

Parece que não teem olhos para ver, nem alma para sentir...

### A' policia

Muitas vezes apparecem ahi, por a cidade, homens robustos que a nossa policia não devia permittir que andassem a pedir esmola. Succede tambem que aos sabbados andam por ahi muitos que teem predios seus, mas no entanto vão explorando e enganando quem os não conhece.

## O analphabetismo

### EXERCITO

O *Diario da Tarde*, um dos periodicos mais bem redigidos do paiz, junta os seus applausos aos d'outros collegas que teem apoiado o sr. Homem Christo nos seus esforços para introduzir, em bases sólidas e proficuas, o ensino das primeiras letras no exercito.

O *Debate* e O *Mundo*, que se distinguem na imprensa diaria republicana por um nobre espirito de solidariedade e amor da instrucção, transcreveram parte do 1.<sup>o</sup> artigo do *Diario da Tarde*.

O sr. Homem Christo não conseguirá o seu desideratum. Já conseguiu, porém, e n'isso deve ter legitima satisfacção, chamar as atenções para uma questão de importancia capital, concorrendo poderosamente para ser attendido e discutido o grave problema do analphabetismo, que andava muito ignorado ou esquecido. E isto é muito.

Oxalá que a imprensa não levante mão do assumpto. E' aqui que a sua influencia se exerce de um modo notavel, muitas vezes decisivo.

O *Diario da Tarde* expõe detidamente, no 1.<sup>o</sup> artigo, os resultados da ultima experiencia de infantaria 23, resultados já conhecidos pelos leitores do *Povo de Aveiro*. Citamos minuciosamente, diz, estes factos, porque elles comprovam a importancia dos resultados obtidos, por entre tantos e tão successivos contratempos, e accentuam a significação da experiencia a que, com tamanha tenacidade e tão desinteressadamente, o illustre official metteu hombros.

O 2.<sup>o</sup> artigo vae em seguida, transcripto na integra:

As novas experiencias a que o sr. capitão Homem Christo procedeu ultimamente acerca do ensino litterario dos recrutas por companhias, e que hontem detidamente expuzemos, se por um lado demonstram a tenacidade do seu empenho e o desinteresse do seu intuito, apenas orientado no sentido de bem servir o seu paiz e de elevar o nivel intellectual do soldado, mostram tambem o quanto, o muito que haveria de esperar-se se outros officiaes, ou por iniciativa propria ou por determinações superiores, seguissem o exemplo tão brilhantemente iniciado por aquelle illustre official de infantaria.

O exito das suas experiencias foi de tal ordem que o sr. commandante da brigada que, como hontem referimos, assistia aos exames para 1.<sup>o</sup> cabos, não teve duvida em accentuar na nota final enviada ao regimento n.<sup>o</sup> 23, depois de finda a sua inspecção,—o empenho e a aptidão com que o capitão Homem Christo ministrara a instrucção elementar aos alumnos do 1.<sup>o</sup> curso e os resultados bem satisfactorios que se tem obtido do ensino, sendo pena que as circunstancias não permittam proporcionar a maior numero de praças tão util instrucção. Estas honrosas palavras que enaltecem a iniciativa e o trabalho do sr. capitão Homem Christo, se não são um *louvor* no sentido official do termo, são-n'o de facto e para toda a gente menos para o ministerio da guerra o qual, pela cautelosa redacção do parecer do commandante da brigada, não se verá obrigado a mandar lançar na folha de serviços d'aquelle official um *louvor* que só, por via de regra, alli costuma ser dado a quem esteja em cheiro de santidade e de beatidade junto das estancias officiaes.

Ora o sr. capitão Homem Christo, sendo sem duvida um dos mais illustres officiaes da arma de infantaria e um d'aquelles que mais se tem cara-

cterizado pelas suas qualidades de disciplinador e pela sua inquebrantabilidade de caracter, só tem merecido das estancias officiaes vexames e perseguicções, por motivos inteiramente estranhos ao serviço militar e sem que se provasse ter-se elle jámais aproveitado da sua condicção de militar para a fazer valer em assumptos estranhos aos deveres e fins do exercito. E tanto assim é, tanto o seu character, apesar de tudo, em alguma consideração é tido por aquelles mesmos que o perseguem e guerream, que esse official foi o escolhido—devem lembrar-se—para proceder ao inquerito aberto em Coimbra a proposito da morte dos populares na sedicção que ha poucos mezes ainda alli se deu...

A tudo tem o illustre official correspondido por um modo verdadeiramente digno e superior, merecedor de especial nota n'um periodo em que cada vez mais se accentua a dissolução dos caracteres e o rebaixamento do meio social—confinando se no exacto e rigoroso cumprimento dos seus deveres e applicando as horas que lhe restam livres na instrucção das praças da sua companhia.

Não lhe valerão os elogios, os louvores officiaes que elle não solicita, e que mesmo, por certo, dispensa, pois que para caracteres como o seu, lhe bastam a satisfacção do dever cumprido e o louvor da sua propria consciencia. Por isso, muito embora o sr. capitão Homem Christo não tenha o seu nome nos arraiaes do partido progressista, não hesitamos em tornar bem publica a sua iniciativa e os brilhantes resultados por ella produzidos, para que sejam devidamente apreciados pelo paiz. Encontrarão sempre louvor e apoio de nossa parte todos os esforços que tendam a propagar a instrucção n'um paiz cuja maioria é de analphabetos. E o sr. capitão Homem Christo tem conseguido demonstrar a sciencia e o que pela instrucção popular se poderia fazer durante esse periodo da recruta imposta pelo *Regulamento*, conseguindo-se que a soldadesca, sabendo das casernas para voltar á vida civil, trouxesse o cerebro menos embotado e mais levantado o espirito pela consciencia mais nitida do que representa o serviço nas fileiras e, portanto, a ideia da Patria e o dever civic.

Mas o exemplo do illustre official não fructificará, porque lhe faltará o apoio dos meios officiaes e porque... ensinar os soldados a ler não produz avanço na *carreira* e nem sequer ao menos um *louvor* resgistado na folha de serviço...

Em todo o caso, honraremos nós n'estas columnas, a iniciativa do sr. capitão Homem Christo, tanto mais notavel quanto maior o isolamento em que se convencionou officialmente deixal-a, visto que não havia meio,—e seria mesmo contraproducente e inconveniente,—de a impedir.

## Farcôlas e farçadas

O *Frei-d Descarado-sem-vergonha*, que apanha de vez em quando a sua *lambada*, que é mesmo uma *consolação*, mas que no dia seguinte vae apertar a mão ao seu *bemfeitor*, dedicon-se agora a *critico* d'assumptos municipaes, chamando *farçada* aquillo que ahi se passa.

Ora o *incoherente* sem vergonha, que quando membro d'aquelle corporação administrativa *aprovava e sancionava tudo sem o mais leve reparo*, vindo depois cá para fóra, para o seu *réles pasquim*, *combater e reprovar tudo* o que momentos antes applaudira e achára justo!

Nesse tempo não havia *farçadas*, havia um só *desavegonhado farçola* que fazia *farçadas*.

Pobre animal...

## Fallecimento

Falleceu ante-hontem no hospital d'esta cidade o conhecido Joaquim Frade, que ultimamente se dedicava a concertar velas de barcos e rédes de pesca.

Que descance em paz o pobre velho.

## TIRO NACIONAL

O auctor da carta do *Debate* diz que não é rigorosamente verdadeira a nossa affirmação de que o regulamento de tiro está em vigor em todas as carreiras do paiz, por isso que tal não succede na cidade de Lisboa.

E' porque não leu bem o que escrevemos.

O auctor da carta tinha dicto que o regulamento só estava em vigor n'uma unica carreira de tiro. Nós respondemos que estava em vigor em todas ellas, *aparte o desleixo que tivesse havido da parte d'alguns directores d'essas carreiras, desleixo que ignoravamos.*

Logo, a nossa affirmação foi rigorosamente verdadeira. Em Lisboa não se cumpre o regulamento? Ignoramos. Mas foi caso previsto por nós.

O regulamento deve estar em vigor. Impõe-o a lei. Está em todas as carreiras que nós conhecemos. Se não está, em algumas, commetteu-se uma infracção ou uma irregularidade.

Era este o espirito e o sentido exacto e claro das nossas palavras.

Mas, accrescenta o auctor da carta, *é claro que na carreira de Lisboa, como nas outras, se ministra instracção aos atiradores que se apresentam; mas isso não basta.*

Valha-nos Deus. Então, nem mesmo na carreira de Lisboa, afinal, deixa de se cumprir o regulamento! Porquê enquanto não forem approvados os estatutos da *União*, e mandados executar, só ha atiradores independentes, que são aquelles que se apresentam nas carreiras para receber a instrucção. Esses, só esses, os directores das carreiras podem admitir e reconhecer officialmente, distribuindo-lhes e vendendo-lhes, contudo, as respectivas cadernetas. Se o director da carreira de Lisboa não o fez, andou mal.

Não basta isso, diz o auctor da carta do *Debate*. Pois é claro. Mas de quem é a culpa? Do ministerio da guerra. D'elle, e só d'elle, que ainda até hoje não approvou, ou não mandou publicar e executar os estatutos da *União*,

## Escola Normal

Terminaram na quinta-feira passada os exames de admissão á Escola para o magisterio, cujo resultado foi o seguinte: Ficaram approvados com 14 valores, Apolinaria Augusta da Silva Tavares, Hermengarda Brito, Maria José Angeja, Maria Augusta Pinto, Julia Pinto, Thomazia Figueiredo, Anna Freire, Elvira de Pinho, Maria de Pinho e Serafim da Silva; com 13, Rachel Brandão das Neves, Sarah Silva e Maria da Silva; Rosa Pereira com 12; Maria Pereira e Maria do Céu com 10.

Ficaram distinctas com 17 valores, Alsira de Rezende Maia e Silva, Anna Pereira Branco e Faustina Casimira; com 16, Christina Fernandes Leal, Eduarda de Jesus Moreira e Clemente Ferraz; com 15, Thereza de Jesus Vieira, Deolinda Figueiredo e José Marrujão.

## Donativos

O sr. ministro da guerra, Pimentel Pinto, dotou o nosso quartel com o subsidio de quatro contos de réis para obras e reparações do mesmo.

Com esse, embora pequeno beneficio, já alguns trabalhos de importancia deverão fazer-se na ala sul do quartel que bem necessitado está d'isso.

Deu mais uma vez s. ex.<sup>a</sup> a prova de que se interessa pelas coisas d'Aveiro.

Vae ser convidado o dr. Bombarda, de Lisboa, para vir examinar a *moleira* do nosso amado *Frei Chica da Purificação Estraga Albardas*, pois que o homemsinho mostra-se altamente desequilibrado *da bola*.

Até aqui ainda elle se contentava em arremetter com algum transeunte que descuidosamente passava, mas o maldito deu-lhe agora para se tornar furioso e não ha raios que o partam ou que o contenham.

Houve, por isso, uma alma caridosa, que se lembrou de mandar vir o dr. Bombarda para lhe examinar as facultades mentaes.

E de duas uma: ou ferram com elle em Rilhafolles ou lhe botam açaimo, cabresto, ou camisa de forças.

E' besta que a opinião publica está apontando como perigosissima, andando á solta.

## OS PHOSPHOROS

E' prégar no deserto, bem o sabemos. Mas sempre o vamos fazendo para descargo de consciencia e para que não passe sem o nosso protesto o esbulho que a Companhia de Phosphoros de Portugal está fazendo ao pobre burro de carga — o povo — impingindo-lhe 10 e 12 phosphoros sem cabeça nem pavio por 10 réis, quando nas caixas se commettem a dar 35 ou 40.

Isto só se tolera n'um paiz como o nosso.

Só em Portugal, onde tudo corre á matrôca, onde todos cuidam unicamente dos seus interesses e ninguem olha sequer pelo dos pobres, é que isto se pôde dar.

Se a companhia tivesse perdas, tolerava-se, apesar de que nós não temos culpa dos maus contractos do monopolistas; mas uma companhia que está distribuindo um dividendo enorme pelos seus accionistas, dividendo, naturalmente, que ainda apparecerá mascarado em publico, aggravar ainda, com revoltantes abusos, a bolsa do pobre e miseravel *Zé*, é que de fórma alguma se deveria tolerar.

E se um desgraçado commetter o nefando crime de accender com miseraveis trapos o chuchado *bregeiro* da outra nossa *Real e Senhora Companhia*, zús, multa ou cadeia com elle.

O' bolsas dos monopolistas dos phosphoros: quando vos enchereis vós até á bocca para que os vossos senhores se fartem de ouro?

E vós, povinho, quando vos enchereis de indignação para arremessardes ao ar a pezada albarda e fazerdes em estilhas tudo o que cheira a monopolios e a' casos semelhantes?

Pois vae sendo tempo e mais que tempo.

Escrepto isto, depara-se-nos no *Japeiro*, do Porto, a seguinte noticia:

Vão ser alteradas algumas disposições, relativas á apprehensão dos phosphoros e da isca.

Os phosphoros e a isca apprehendidos em contravenção das prescripções legais serão julgados perdidos e os delinquentes punidos: com o quintuplo do respectivo imposto os descaminhos da isca; com multa até 25\$000 réis os descaminhos de phosphoros, a qual poderá elevar-se até 300\$000 réis, no caso de fabricacção clandestina de phosphoros, fóra das fabricas da empresa concessionaria do exclusivo.

Nos casos de reincidencia, a multa será sempre aggravada, podendo elevar se até ao duplo.

Os phosphoros e a isca, que forem julgados perdidos, serão entregues á Companhia Portugueza de Phosphoros, a qual pagará por cada grossa de caixas de phosphoros ou fracção a quantia de 300\$000 réis, liquidada relativamente a cada apprehensão e revertendo o producto da liquidacção em beneficio dos apprehensores, quer a multa seja paga, quer não.

Alguem, n'este jornal, tem dito que vivemos n'um paiz de doidos.

Tem razão quem tal affirma, porque só n'um paiz de doidos e de indolentes é que se toleraria que uma abonada e rica companhia, como é a dos phosphoros, arranjando a sancção do governo, que infelizmente nos rege, vá multar e encarcerar desapidadamente os famintos que não teem os magros dezreisinholos para comprar os 10 ou 12 ordinarrissimos phosphoros que contém a minuscula caixinha de madeira.

E' esfoladella sobre esfoladella.

São ameaças de cadeia e não sabemos se algum dia será tambem de garrote e o povinho vae arrotando com os miseraveis cobres que attestarão as recheadas bolsas dos monopolistas de má morte.

E n'este seculo de luzes — apagadas — vivemos assim.

Attesta a bolsa o milionario e morre de fome e ao abandono o pobre, o miseravel, que nem forças tem para reclamar.

E não ha um raio...

## Bem entendido

O correspondente d'esta cidade para a *Soberania do Povo*, de Agueda, lembra a conveniencia de se substituir o actual urinol que existe no Jardim Publico, por um outro igual ao da Praça Municipal.

Achamos justo que assim se faça, porque no urinol do Jardim apenas ali cabe uma pessoa, e não é raro vêr-se junto a elle, em occasiões de bastante frequencia, um charco immundo por verterem aguas contra o muro. Além d'isso em certos dias exhala um cheiro pestilento.

## «A Voz de Amarante»

O nosso collega *A Voz de Amarante* dedicou um numero especial á memoria do infeliz moço Teixeira de Vasconcellos. E' um numero excellento, collaborado por muitos amigos e admiradores do desventurado estudante.

Agradecemos o exemplar que nos foi dirigido.

## Os linguarazes

Na casa da camara da villa de Sanceriz, junto a Bragança, se vê ainda hoje um freio, com que se castigavam as mulheres bravas de condicção e maldizentes, e mesmo todas as pessoas, cujo crime procedia de palavras: elle tem lingua para a bocca, argola para o queixo de baixo, camhas que lançam sobre o nariz, tudo de ferro: tem igualmente cabeçada com sobre-testa para a cabeça, com fivela que fecha para traz, e redeas com passador.

Hoje, porém, que a maledicencia tem chegado ao seu maior auge, jazem as leis, dormem os magistrados, e os linguarazes cada vez se fazem mais orgulhosos e insolentes, chegando a pôr a sua bocca no céu da honestidade mais pura, e fazendo talvez cair no vicio algumas almas fracas, a quem a boa fama havia conservado largo tempo na virtude.

*Frei Joaquim de Santa Rozá de Viterbo.*

Ora ahí está uma noticia escripta no seculo XVIII por um reverendo Frei, a que veio, como a mais bem talhada carapuça, enfiar ajustadamente na cabeça d'um reverendo *Chica*, collega dos tempos actuaes, como n'elle ha muito deveria estar enfiado o celebre freio de ferro com redeas e passador que existe na camara de Sanceriz para applicar aos linguarazes perversos lá do burgo.

Do que Frei Joaquim de San-

ta Rosa de Viterbo nos não falla é do chicote.

Pois por lá tambem devia existir chicote ou azorrague para os linguarazes *pegadicos*.

E os acicates tambem eram precisos. Pelo menos para o *Chica*.

## CARTAS DO PORTO

## Excursão a Aveiro

Depois da minha carta publicada no ultimo numero do *Povo de Aveiro*, participando aos aveirenses a visita que, no proximo mez de setembro, lhes vae fazer a illustrada imprensa portuense e a briosa classe dos empregados do commercio d'esta cidade, escrevi a um amigo que Deus me deu, perguntando-lhe o que se dizia no *chido aveirense* a tal respeito e se havia já alguma animação em qualquer sociedade para receberem com toda a galhardia os seus hospedes.

Respondem-me o meu amigo o seguinte:

Que foi bem recebida a noticia da anticipadamente pelos jornaes portuenses e ultimamente pela confirmacção da minha carta.

Que reina já grande animação nos empregados do commercio d'essa cidade para receberem com toda a *bizarría* os seus irmãos de trabalho, e que para isso, vão convocar uma reunião de classe a fim de resolverem quaes os festejos que devem fazer em honra dos seus companheiros portuenses. Que a classe dos empregados do commercio d'essa cidade é pequena, não tendo actualmente uma casa propria da associacção, onde possam receber os seus companheiros para lhes dar as boas vindas e agradecer-lhes a sua visita, o que não quer dizer com isso, que no futuro a possam vir a ter. Pois meu amigo: havendo iniciativa d'uns e boa vontade de todos, apesar da classe ser pequena, podem, sem grande difficuldade, conseguir uma casa sua onde estabeleçam a sede da associacção e a onde melhor passarão o tempo nas suas horas de descanso.

E pede-me o meu amigo para eu dizer e lembrar o seguinte:

Que pela occasião da inauguração da estatua de José Estevão, a classe dos empregados do commercio d'ahi, mandou fazer uma bandeira ou estandarte com o qual a classe se fez incorporar no cortejo que se realisou em honra do grande tribuno. Essa bandeira ou estandarte, foi depois entregue ao cuidado d'um dos seus mais estimados companheiros e que reside ainda n'essa cidade. Que é provavel que o dicto companheiro esteja ainda de posse d'ella, e se estiver e que esteja ainda em bom estado, pôde servir agora na festa que vão realizar aos seus collegas.

Diz-me o meu amigo que ha n'essa cidade as seguintes associacções de recreio: *Gymnasio Aveirense*, *Recreio Artístico*, *Associação dos Bateleiros* e *Club Mario Duarte*, este ultimo creado ainda ha pouco tempo, mas que promete longa vida. Que em todas estas associacções, ha rapazes de merecimento e que podem muito bem, querendo, auxiliados pelas direcções, proporcionar aos excursionistas portuenses os melhores divertimentos, cousa que em outras terras, por falta de recursos naturaes, não podem fazer.

Aveiro, capital do Vouga, presta-se a um certo numero de divertimentos, taes como: uma regata promovida pelo *Gymnasio Aveirense* dava grande brilho á festa, uma corrida de bicycletas, pelo *Recreio Artístico*, dava a conta e estava a callhar e um passeio fluvial dado pela *Associação dos Bateleiros*, que fechava a festa com chave d'ouro!!

As outras associacções que por si, não podem organizar outros divertimentos, podem auxiliar estas e á imprensa local pela sua parte, compete-lhe tambem fazer alguma cousa em honra de todos os visitantes e em especial aos seus collegas do jornalismo.

A lembrança ahí fica, meu amigo, e estou convencido se fôr aproveitada conforme indico, é um dia de festa para essa cidade — que ficará gravado na memoria de todos, e aos excursionistas com vontade de voltarem ali tantas vezes quantas excursões realizar a essa cidade a *Empresa Excursionista Portuense*.

D. C.

## Tourada na Figueira da Foz

Está despertando grande entusiasmo a brilhante corrida de touros que hoje, pelas 4 e meia horas da tarde, se realisou no magnifico *redondel* do *Colyseu Figueirense*, com assistencia da excellento banda musical *Del Protectorado*, de Salamanca, composta de 36 figuras, expressamente convidada para esse fim, que executará na arena, antes da corrida, o seguinte programma:

- 1.º De Salamanca á Figueira (Passo doble.)
- 2.º *Gran phantasia sobre molinos de Bocacio.*
- 3.º *Gran jota del la Africana.*

Dirige a corrida o distincto *aficionado*, sr. Jayme Henriques.

## Publicações

OS INIMIGOS DAS CREANÇAS. Recebemos este bello volume da BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, devido á penna do illustre hygienista o sr. dr. Guilherme Ennes. Excellento, com magnificas recommendações e conselhos que todas as mães e paes devem conhecer. Recomendamos, por isso, a todos, a sua leitura.

E' baratissimo. Custa 50 réis. A MORTE DOS DEUSES. Recebemos o 3.º volume d'este excellento romance da BIBLIOTHECA DAS HORAS ROMANTICAS, romance historico, de leitura instructiva e de leitura.

A CORDA DO CARRASCO. Romance da mesma bibliotheca, do romancista húngaro Petösi, traducção de Manuel de Macedo.

AGUILHADAS. Recebemos o tomo 3.º. Bella prosa de Paulo Osorio, digna de se ler, o que é raro em escriptores nacionaes.

Afim de contratar os artistas que hoje trabalham no «Colyseu Figueirense», partiu para a Figueira da Foz o sr. Antonio Joaquim Gloria, empresario da praça de touros do Pharol.

Hoje de tarde ha arraial em S. Bernardo. Hontem houve vespera, illuminacção e fogo preso, assistindo a banda dos *Voluntarios* e a de Fermentellos.

## Praticante de pharmacia

Precisa-se para a pharmacia da Misericordia da Figueira da Foz, de um praticante que tenha pelo menos tres annos de pratica registada a quem se dará 13:500 réis de ordenado mensal, quarto, cama, roupa lavada, e licença para estudar, apresentando boas referencias.

O PROVEDOR,

Visconde da Marinha Grande.

## Hotel-Chalet-Central

EM

VALLE DA MÓ

PROPRIETARIA

Anna de Jesus Santhiago

N'este acreditado hotel recebem-se hospedes por preços convidativos. Magnificos commodos e excellento tratamento.

Ha carros a todos os comboios na estação de Mogofores para o Valle da Mó.

## «Moda Universal»

Já foi distribuido aos assignantes o numero de agosto d'este precioso jornal que continua sendo o arbitro das modas feminis e que todos os mezes é esperado com tanta anciedade que não se pôde constatar-lhe o successo, que de numero para numero mais avulta, constituindo um triumpho que desnoiteia todas as outras publicações anteriormente conhecidas.

Por isso toda a gloria cae inteirinha sobre a AGENCIA NACIONAL, cujos escriptores se acham, como as leitoras muito bem sabem, na rua Aurora, 178, Lisboa, para onde a importancia da assignatura annual deve seguir em estampilhas, dentro de carta registada, ou por meio de vale do correio. O preço como tambem está sabido é de 480 réis, por assignatura d'um anno. Ao correr da penna ahí vae um resumo das oito paginas da «MODA UNIVERSAL»:

corpe e saia; um vestido em chemisette, que é primoroso de concepção; vestido e blusa às pregas, e que no momento é do mais obrigado chic; outro vestido não menos interessante e de não menos fácil reprodução. Tudo isto na primeira página. Nas sete páginas seguintes desfilam mais de duzentos desenhos de figurinos, entre os quaes os de uma linda collecção de gravatas para damas. De tudo isto, porém, o mais curioso é que a AGENCIA NACIONAL tem collecções de amostras de sedas, lãs, tafetas, e outros tecidos, assim como collecções de passamentarias e applicações de toda a sorte, como nenhuma outra em Portugal. E' pedir por bocca, ex.<sup>mas</sup> senhoras.

**LISBOA ANTIGA E MODERNA**  
(HISTORIA DESCRIPTIVA D'ESTA CIDADE)

Acha-se publicada esta obra, que comprehende tres tomos, em formato grande, a duas columnas, typo miúdo. Trata, como se vê do titulo, da historia da primeira cidade do reino, desde a sua fundação, bastantes annos antes da vinda de Jesus Christo ao mundo; relação dos acontecimentos historicos de que tem sido teatro; descripção de seus monumentos e curiosidades; lendas e tradições que a acompanham, e enfim uma larga collecção de apontamentos curiosos e dignos de serem conhecidos por quem se interessa pelas cousas patrias. A obra cuidadosamente elaborada, foi respigada dos mais authorisados documentos e escriptos antigos. Abrange tres tomos e custa apenas 300 reis, ou 100 reis cada tomo. A' venda na rua de S. Mamede, 107 (ao Largo do Caldas) — LISBOA.

**O «Paris qui chante»**

A Agencia Nacional, a mesma que lançou no paiz o *Miroir des Modes* e a *Moda Universal*, esses dois esplendidos reportorios da moda que todos conhecem, mandou-nos um numero specimen do *Paris qui chante* revista hebdomadaria illustrada dos concertos, theatros, cabarets artisticos e music-halls de Paris.

Como dizemos o *Paris qui chante*, assigna-se na Agencia Nacional, rua Aurea, 178, Lisboa. O seu preço é de 80 reis por semana ou seja cada numero, sendo a assignatura trimestral, é na forma do costume, adeantadamente paga.

O numero specimen que temos deante publica enorme quantidade de musicas populares, baladas, gavotas, etc., para piano.

Quem souber francez tem bastante que cantar, porque a musica é acompanhada da respectiva letra.

Em Paris tal publicação tem feito um alvoroço. No nosso paiz bastam os retractos dos artistas e das artistas que vem no *Paris qui chante* para que o mesmo successo se repita.

**ANNUNCIOS**

**Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.**

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

**Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.**

**As condições estão patentes no acto da arrematação.**

**Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, chifres, estrume, etc.**

**Rua da Boa Vista, 3 Lisboa**

**METHODO JOÃO DE DEUS**

**Cartilha Maternal, (1.ª parte) 15.ª edição, preço 200 reis.**

**Deveres dos Filhos, (2.ª parte) 15.ª edição, preço 300 reis.**

Estes dois livros, approvados pelo governo, completam a arte de leitura de João de Deus.

**Album, contendo as lições da CARTILHA MATERNAL, preço 9\$000 reis.**

**Quadros parietaes, contendo as mesmas lições em 35 cartões, 9\$000 reis.**

**Arte de escripta, nove cadernos, 270 reis.**

**DO MESMO AUCTOR**

**Campo de Flores, 3.ª edição das poesias lyricas completas, coordenadas das sob as visitas do auctor, pelo dr. Theophilo Braga, 700 reis.**

**Prosas, (de João de Deus) coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, preço 800 reis.**

**PEDAGOGIA: A Cartilha Maternal e o Apostolado, (1.º livro), 500 reis.**

**A Cartilha Maternal e a Critica, (2.º livro, 500 reis.)**

**Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.**

**Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a lér pela arte de leitura de João de Deus), 160 reis.**

**Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs**

Todas estas obras acham-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos do costume ás livrarias.

**Pedidos ao commissario Francisco Franco, Livraria Popular, Travessa de S. Domingos, 60, Lisboa, aonde serão dirigidas as requisições.**

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

**Os municipios, corporações e professores que queirem adoptar nas suas escolas o methodo de João de Deus, tambem teem desconto especial.**

**Deposito geral das obras, L. do Terreiro do Trigo, 20, 1.º — LISBOA.**

**CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS**  
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra  
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarega-se do concerto de dentaduras  
R. DIREITA, 68, 1.º Aveiro

**BAGAÇOS ALIMENTARES**  
VENDE-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA ACREDITADA FABRICA

**“PFAFF.”**

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

**A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura**

Ensino gratis. Garantia illimitada.  
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.  
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.  
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.  
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.  
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

**ANADIA — SANGALHOS**

**Vinho puro de Bucellas**

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praga do Peixe—AVEIRO

**N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendlido no mesmo estabelecimento.**

**ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO**

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

**Largo do Rocio, 42 a 44**

**LIVRO COMMERCIAL**

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SA'

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Athenaeo Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

**Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 reis.**

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 98, e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

**ARMAZENS**

DA

**BEIRA-MAR**

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22!

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDA SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.  
Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviamencomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**